

Martinha-Perera

Por: Luiz Fernando Liveira

Numa fazenda da Amazônia, vivia um homem muito próspero e justo. Tratava com atenção seus empregados e até seus bichos. Era respeitador dos costumes e das leis da mata. Sua mulher, no entanto, era ambiciosa e malvada.

Certo dia, o fazendeiro morreu. Mal o defunto foi enterrado, a “nova” proprietária já foi pondo sua arrogância à mostra. Tratava com soberba os empregados, mandava chicotear os bichos...

Am dia, após o sumiço de um novilho, a senhora determinou a derrubada de toda a mata que estava na sua propriedade. Mesmo com todas as explicações do capataz, ela se manteve firme na sua decisão. No entanto, nenhum dos seus empregados cumpria a ordem e se demitiram. Humilhada, a senhora pegou um machado, subiu em um cavalo e disparou pela mata adentro. Quando a mesma deu por si, havia se perdido, pois nunca havia saído da fazenda.

Andando a esmo pelo meio da floresta, a senhora começou a se desesperar, fastigiando cada vez mais sua montaria. O animal, acostumado aos bons tratos do antigo dono, começou a pular de dor, a cada chicotada que a senhora lhe dava. Até que, n'um dado momento, a senhora foi ao chão. O cavalo, assustado, disparou em direção à fazenda, deixando a senhora à mercê da floresta. A mata, como punição por sua maldade, lhe escondeu o caminho de volta à fazenda, fazendo a mesma vagar pelo mato...

(Continuação de “Matinta-Perera”, por Luiz Fernando Liveira.....)

Passado muitos anos, o lugar onde era a fazenda virou uma tapera. Uma tarde, um grupo de caçadores resolveu usar as ruínas da fazenda para passar a noite. De madrugada, o grupo foi acordado por uns assoviões estranhos:

Fiiiiiiiiiiiiit, matinta-perera!!!!

Os caçadores prepararam suas armas e ficaram na espera. De repente:

Fiiiiiiiiiiiiiiii, matinta-perera!!!!

Fiiiiiiiiiiiiiiii, matinta-perera!!!!

Os caçadores entraram em pânico e começaram a atirar para onde o nariz apontava. Até que o mais corajoso do grupo, fazendo cessar o tiroteio, gritou:

- Eh, alma penada, que queres?

A voz respondeu, de dentro da mata:

- Quero tabaco...

Ao que o caçador retrucou:

- Então vem pegar...

O grupo se preparou para o pior. Mas nada aconteceu. Ninguém apareceu.

Ao raiar do dia, o grupo, cansado e temeroso, se preparava para deixar a tapera, quando deram com uma mulher espionando, por detrás de

(Continuação de “Matinta-Perera”, por Luiz Fernando Liveira.....)

uma pedra. A mulher era bem velha e de aparência horrível. O líder do grupo perguntou:

- Eh, minha tia, que é que a senhora quer?

A velha respondeu:

- Vim buscar o tabaco que o senhor me prometeu...

O grupo disparou na carreira, exceto o corajoso que, pegando uma porção de fumo, entregou a velha. A mesma, pegando o tabaco, deu uma gargalhada estridente e saiu voando em direção à mata...

Era a Matinta-Perera.

Prólogo:

No Norte, dizem os antigos que, nas horas mortas da noite, quando se escuta o assovio da Matinta-Perera, se deve perguntar:

-Eh, alma penada, que queres?

Se a mesma disser: “Quero tabaco...”, se deve responder:

- Então vem pegar...

Ao amanhecer, ela (A Matinta-Perera) estará na porta da casa de quem prometeu, para buscar o fumo. Se o fumo prometido for recusado, a Matinta-Perera irá atormentar a casa de quem recusou por todas as noites, até que o pedido seja cumprido.

(Continuação de “Matinta-Perera”, por Luiz Fernando Liveira.....)

Se, no entanto, em vez de assoviar, a Matinta-Perera gritar: “Quem quer, quem quer?”, é porque a visagem já está próxima de morrer e, qualquer desavisado que, mesmo por gracejo ou inocência, responder “Eu quero”, este será a próxima a próxima Matinta-Perera.

No Norte, dizem os antigos...

Fontes Consultadas:

- Fundação Cultural do Pará “Tancredo Neves”
- Museu Emílio Goeldi, de Belém-PA

Literatura sobre o tema:

- “Contos Tradicionais” - J. da Silva Campos